

Escritos expõem ‘missão didática

ÁLVARO KASSAB

kassab@reitoria.unicamp.br

O livro *Crônicas e outros escritos de Tarsila do Amaral, de Laura Taddei Brandini (pesquisa e organização), faz mais do que reunir toda a produção escrita da pintora. A obra, em suas quase 750 páginas, traz à luz as reflexões de Tarsila e seu interesse em aproximar o leitor de um horizonte remotíssimo no Brasil da primeira metade do século XX: o do mundo das artes. Nas crônicas, a autora de Abaporu dá vazão a essa espécie de missão didática por meio de biografias de pintores e artistas, de referências a movimentos de vanguarda e de descrições detalhadas da cena parisiense. Tarsila revela-se também uma grande incentivadora de talentos emergentes (e consagrados). De quebra, o volume recém-lançado pela Editora da Unicamp traz à tona um manuscrito inédito, três poemas, um conto e dezenas de crônicas jamais publicadas em livro.*

Coube à pesquisadora Laura Taddei Brandini a tarefa de prospectar e dar congruência à massa documental. A empreitada, que consumiu dez anos de

pesquisas, é dividida pela autora em três fases. A primeira foi iniciada em 1997, quando Laura, então cursando o segundo ano de Letras na USP, propôs-se a estudar as crônicas de Tarsila. O trabalho tomava como referência os estudos feitos pela especialista Aracy Amaral. Começavam aí as consultas feitas por Laura em arquivos públicos. A análise desse material rendeu uma dissertação de mestrado, tida por ela como a segunda etapa do percurso.

Na última fase, a autora debruçou-se sobre a edição do livro. “A preparação ofereceu-me a oportunidade de me deter tanto sobre suas referências culturais, ancoradas principalmente no século XIX francês, quanto sobre as incursões Tarsila pela literatura, propiciando-me a descoberta de uma autora atenta tanto à expressividade quanto às técnicas literárias”, observa Laura na apresentação da obra. Na entrevista que segue, ela fala da importância da reunião de todos os escritos da pintora, figura fundamental do movimento modernista brasileiro. “O livro certamente vai abrir várias frentes de pesquisa”.

Jornal da Unicamp – Tarsila menciona, em boa parte de suas crônicas, manifestações – e artistas – de vanguarda, enfatizando movimentos originados na França. Em que medida, na sua opinião, ela foi influenciada por esses movimentos?

Laura Taddei Brandini – Tarsila passou uma parte importante de seu período de formação em Paris, onde teve contato sobretudo com pintores cubistas. No Brasil, até antes, durante e pouco depois da Semana de 22, o movimento associado à arte moderna era eminentemente o cubismo. Tarsila partiu para a França para buscar o que era o cubismo. Os outros movimentos artísticos, naquele momento, não tinham a mesma dimensão e importância.

Eu acho que era importante porque, mesmo nos anos 1930, passados mais de 10 anos do Modernismo, em 1936, quando Tarsila inicia suas atividades nos jornais, ainda não eram muito conhecidos no Brasil os movimentos da vanguarda parisiense, mesmo que, na própria Europa, alguns dessas experiências, entre os quais o impressionismo, o cubismo e o expressionismo, já estivessem em certa medida ultrapassados.

É importante lembrar que quando Tarsila, nos anos 1930, começa sua atividade na imprensa escrevendo sobre Picasso e o cubismo, é justamente para divulgar, aos leitores de jornal de São Paulo e do Rio, o que havia sido esse movimento, que ainda não era claro – nem difundido – para o público brasileiro.

JU – Pode-se dizer então que ela cumpria uma função didática.

Laura – Um dos aspectos que deve ser salientado no conjunto de crônicas de Tarsila é justamente o cumprimento dessa função didática. Havia uma preocupação constante da parte de Tarsila em ensinar o seu leitor. Era uma função desempenhada também por outros intelectuais brasileiros, sobretudo entre os anos 1930 e 1950. Um outro exemplo é Sérgio Milliet.

JU – Quais são as maiores contribuições trazidas pela reunião das crônicas e outros escritos para a compreensão da obra de Tarsila?

Laura – Além de reunir muitas crônicas inéditas, o trabalho completa alguns aspectos desconhecidos da obra de Tarsila. Todos conhecem a Tarsila pintora, mas poucos sabem da importância e da dimensão do seu trabalho como autora de crônicas. É importante destacar que as crônicas não privilegiavam o visual – ela não tenta fazer, no texto escrito, o que fazia com a pintura. Embora não sejam crônicas avançadas em sua dimensão estética, os escritos são reveladores das reflexões feitas pela artista com relação às artes.

Os textos deixam transparecer que Tarsila não era simplesmente uma artista que pintava suas telas. Ela refletia, lia muito sobre pintura e diversos assuntos e tinha muita coisa a dizer sobre as artes. Esse lado reflexivo de Tarsila nunca foi muito conhecido.

JU – Os escritos dão pistas sobre o ideário do Modernismo?

Laura – No início, de 1917 a 1922 – até os anos 1930, na verdade – que a gente chama de fase heróica, o Modernismo era realmente um movimento que visava buscar uma arte nacional. Artistas e intelectuais estavam engajados na procura de uma linguagem que fosse moderna e que pudesse tratar dos temas brasileiros, inserindo a arte brasileira na tradição europeia de vanguarda.

A partir dos anos 1930, que é quando se insere a produção de crônicas de Tarsila, o objetivo não é mais esse – de uma certa maneira, ele já havia sido alcançado na década anterior. Intelectuais e artistas se voltam mais para o Brasil e se preocupam menos com a tradição europeia. A preocupação com a inserção da arte brasileira na tradição europeia havia ficado pra trás.

Eles buscam tratar mais diretamente do povo brasileiro. Temos, por exemplo, menos pesquisa estética a partir dos anos 1930 do que no período imediatamente anterior. Nesse contexto, havia um interesse muito grande em ensinar e divulgar as coisas relacionadas à cultura. Os escritos de Tarsila se inserem nesse movimento. Ela mostra, ao público, questões estéticas até então desconhecidas do leitor comum de jornal. Tudo isso integrava o segundo momento do ideário dos modernistas.

JU – E sobre a cisão do grupo modernista?

Laura – Se por um lado Tarsila é muito pessoal em suas crônicas, sobretudo naquelas em que fala de suas memórias em Paris, por outro, as questões envolvendo amigos diretos passam longe de seus escritos, à exceção de Mário de Andrade, a quem ela declara publicamente sua amizade. Há também textos elogiosos a Portinari, a Lasar Segall e a vários outros artistas. Com relação a Oswald de Andrade, com quem ela foi casada, não há uma linha de cunho pessoal, que faça referência ao relacionamento deles – as menções são ao poeta-líder do Movimento Pau-Brasil, do Movimento Antropofágico. Sua intimidade no sentido de suas relações afetivas, de presente ou namorada, não está presente nas crônicas. Acho que nem era o lugar mais apropriado.

JU – Como essa guinada “social” transparecia em seu texto?

Laura – Esse viés social, na obra de Tarsila, é bom ressaltar, não pendia fortemente para o engajamento político e para a busca de

melhores condições de vida da população. E esse tipo de questão também não tem lugar nas crônicas. Eu até esperava algumas posições mais fortes da parte dela. Entretanto, não podemos ignorar o fato de que uma parte grande dessa produção, que começa em 1934 e termina em 1956, foi escrita sob o Estado Novo [1936-1945]. Nesse período, não havia muito espaço nos jornais para reivindicações sociais e de classes. Tarsila prefere ater-se a aspectos estéticos e artísticos. Isso tem a ver tanto com o momento histórico no qual ela escreveu quanto com seus próprios interesses pessoais.

JU – Nesse contexto, como eram as relações de Tarsila com as diferentes instâncias de poder?

Laura – Tarsila ocupou um cargo no governo estadual, quando trabalhou na catalogação de obras na Pinacoteca do Estado. Porém, com a Revolução de 30, ela perdeu o cargo. Desde então, a sua relação com o poder foi muito limitada. Pelo menos, ela não manifesta nada nas crônicas e na correspondência. Tarsila mantém-se à parte disso tudo, evitando colocar questões de ordem política.

É interessante notar, porém, que ela menciona o ministro Gustavo Capanema, titular na época da pasta da Educação e Saúde Pública [1934-1945]. Aos olhos de Tarsila, Capanema trabalhou para o desenvolvimento do meio artístico de São Paulo e do país; às vezes, o ministro chegou a bancar inclusive viagens de artistas paulistas a exposições internacionais que se realizavam no Rio. Tarsila menciona essas experiências de uma maneira bastante elogiosa.

JU – Tarsila pretendia escrever um livro de memória, cujo projeto jamais foi concretizado. Em que medida as crônicas podem ser vistas como esboço desse projeto?

Laura – Em alguns dos manuscritos e num texto publicado em uma revista, Tarsila diz textualmente que gostaria de escrever um livro de memórias a partir de suas lembranças. Ela cita, inclusive, que os livros do gênero estavam em moda. Vejo os manuscritos em que ela manifesta suas intenções como primeiras versões dessas memórias. Ali, ela já está fazendo referência às histórias parisienses, contando-as de uma maneira bastante livre. Nas crônicas, ela separa, por artistas, tais lembranças. Na verdade, suas lembranças estão associadas diretamente às pessoas que normalmente dão título às crônicas.

JU – Livros de Mário de Andrade, Jorge de Lima, Paulo Bomfim e Luís Martins, entre outros autores, estão em suas crônicas. Como pode ser visto esse trânsito da artista entre os escritores? Tarsila tinha alguma aspi-



Acima, Tarsila do Amaral sentada numa varanda, provavelmente no Egito, em 1926; abaixo, com Oswald de Andrade no navio Baependi, em 1927 – Fundo Oswald de Andrade - Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” (CEDAE)



ração no campo da literatura?

Laura – Tarsila conviveu com uma dúvida no início da sua carreira em 1917: hesitava entre escrever poemas, ser uma pianista e seguir a carreira de pintora. Seus poemas parnasianos são justamente deste período. E ela escolheu o caminho da pintura. Nós não temos, nos arquivos dela, registros de outros textos. O que ela produziu, com objetivo literário, em texto acabado, são o conto e alguns dos poemas, que foram publicados em jornais. Ela não tinha aspirações literárias, embora convivesse com poetas e escritores.

Ademais, Tarsila tinha clara a concepção de que uma das funções de quem escreve num jornal – embora ela não fosse jornalista – para

além da função didática, era a importância de alimentar o meio artístico e literário por meio da sua ferramenta, que era naquele momento a escrita. Ela colocava em evidência obras de novos artistas por acreditar que isso era absolutamente necessário. Mesmo como pintora, muito embora sua produção artística nos anos 1930 e 40 não fosse esteticamente tão importante à época como a da década de 1920, ela nunca deixou de participar de associações de pintores. Ela deixa transparecer em seus textos que era preciso sempre falar da arte.

JU – Tarsila aborda com frequência obras de novos artistas plásticos, além de já consagrados, sobretudo nos anos 1930 e